

Para um país desportivo

(Intervenção no Congresso do Desporto, 12.12.2005)

Jorge Olímpio Bento - Universidade do Porto

1. Introdução

É sabido que a ideologia e a axiologia estão em crise. Ou seja, nota-se hoje uma retracção em afirmar valores humanistas e culturais. Por isso a bandeira do discurso ideológico e político sobre o desporto, como sobre as outras coisas, encontra-se arriada, como se tudo se resumisse a um simples problema técnico. E não é; *o desporto exige reflexão política e esta não dispensa o arrimo da filosofia.*

Mas...quais são os vectores que balizam uma proposta para o desporto, enraizada em ideais de pendor humanista e social? Quais são as *referências orientadoras do papel do desporto* à altura do presente e projectado para o futuro? Que importância se deve dar ao desporto numa sociedade cultural, propensa a concretizar o ideal da *pólis*, onde as pessoas, a sua vida e felicidade contam acima de tudo?

Respondo a estas questões afirmando que a *ideia essencial da vida na sociedade pós-industrial* se liga à utopia de a conceber como um *projecto de cultura e arte*, de ética e estética, de criação e ócio. E acrescento que o desporto, em toda a pluralidade de formas que reveste e de finalidades que serve, é parte grande desse projecto. É a esta ideia que se deve ater um discurso político, de teor humanista, capaz de fintar a naftalina do conservadorismo retrógrado.

É sobre isso que vou laborar, buscando apresentar algumas razões e linhas de acção para encarar o desporto como assunto sério e de peso na configuração da educação, da vida das pessoas e da sociedade.

2. Linhas de reflexão

Primeiro: Nesta época de crescente *globalização* os países, as cidades e as instituições vêm-se obrigadas a preservar e reforçar a sua identidade, a assumir os desafios da competitividade, concorrência, qualidade e excelência. A deitar mãos aos mais diversos meios e formas de se plantarem e afirmarem no mapa do mundo e da consideração dos outros.

De acordo com a famosa concepção do Mundo como *Global Village*, de McLuhan, hoje vivemos numa *aldeia global*. É certo que o triunfo dos *media* não fez do mundo uma aldeia coesa, com os mesmos padrões e qualidade de vida em toda a parte. Mas possibilitou que a população de todo o globo se inteire daquilo que uma elite pequena possui, cria e propõe em termos de entretenimento e bem-estar. Por este motivo, assiste-se à subida do nível de exigências, ambições e necessidades.

Se queremos estar na vanguarda e não cair na retaguarda, temos que competir arduamente, hábito que não é estranho a quem faz desporto e nele se faz. E a verdade é que podemos competir e figurar entre os melhores, tendo em atenção as consequências implícitas na *globalização* e nas redes telemáticas que ligam o mundo, a saber:

- A morte da distância

- A perda da influência do local
- A irrelevância do tamanho
- A derrocada das corporações mais rígidas e pesadas e a afirmação de redes mais pequenas e ágeis.
- A aposta na valorização das pessoas como recurso último, face a outros recursos cada vez mais escassos.
- A configuração das sociedades à luz da ciência, do conhecimento, da cultura e da tecnologia.

Isto significa que países, cidades e organizações de pequeno porte, podem, devido à sua qualidade e eficiência, figurar nos primeiros lugares do *ranking* da excelência e da competitividade; e significa sobretudo que passaram a vigorar bitolas internacionais, definidoras da qualidade das coisas e da vida em todo e qualquer lugar. A comunicação está e vai continuar a mudar o mundo em todas as áreas, nomeadamente no capítulo da divulgação do usufruto de bens e padrões fiadores da qualidade e dignidade da vida, como é o caso do desporto. A ideia da cidadania global, da *civitas maxima*, da cidadania máxima para todos, da unidade da espécie humana, visando fazer de todo o homem um pleno cidadão do mundo, vai pouco a pouco percorrendo o seu caminho. (2)

Como estamos neste quadro? Qual o grau da nossa conformidade, contentamento ou insatisfação?

Segundo: À medida que o trabalho evoluiu de uma obrigação de escravos e pobres para um direito de cidadãos, o *ócio* foi sendo objecto

de *revalorização progressiva*. No final do século XX viu-se erigido num dos bens mais valorizados, “que todos tentamos aproveitar para voltarmos a ser, pelo menos um pouco, aqueles aristocratas que deixamos para trás”. O nosso tempo – diz, entre outros, Fernando Savater – é o da “revolução do ócio”, que se converte num ideal e num destino para a maioria das pessoas. (7)

Apesar dos economistas – a quem no século XIX o escritor escocês Thomas Carlyle se referia como “*respeitáveis professores de uma ciência lúgubre*” – insistirem em combater a crise económica com a solução de nos forçarem a cada vez mais horas de trabalho, o ócio está aí como uma marca inapagável de uma sociedade de pendor humanista e cultural. De resto, entre os mandamentos que Moisés revelou como sendo obra de Deus, o terceiro (*Guardarás os dias santificados...*) tem um traço profundamente hedonista nas relações que estabelece com o trabalho, com o ócio e com o sentido da vida. Não contém apenas imposições, fardos e ameaças de castigos; subentende que se trabalhe para viver decentemente e ordena que não se viva exclusivamente para trabalhar, mas também para causas nobres, para os outros e para o próprio indivíduo enquanto ser lúdico, que necessita de descanso e ócio, para ser mais humano e para aproveitar as aptidões de fruição de que é dotado. É por isso o mandamento do lazer, da diversão, da prática desportiva e de tudo quanto se liga ao usufruto dos domínios culturais contribuintes para a concretização e exaltação do sentido da vida. (7)

Para tanto o ócio carece de ser delimitado por princípios culturais que levem a pessoa a criar e recriar aquilo que carrega e está congelado

dentro de si, ou seja, a produzir um valor agregado. Daqui resulta a obrigação de educar também para o lazer e o ócio, para neles atingir competência criativa e não os viver apenas como momentos de esbanjamento e consumo, culturalmente inócuos. (3)

Eis aqui uma justificação e direcção para o desporto na escola e fora dela, na infância e em todas as idades.

Terceiro: A cidade pós-industrial evoluiu de uma configuração dada pela concentração de escritórios, para a de centro de entretenimento e cultura. Isto é, as cidades abrem-se cada vez mais ao *ócio criativo*, à oferta de eventos cívicos, artísticos e desportivos. Até porque as pessoas têm maior disponibilidade para comparecer a todos esses lugares da nova cidade. Enfim estão em curso enormes transformações nos estilos de vida e nas culturas da cidade.

Enriquecida com uma grande oferta de bens simbólicos, a cidade institui-se como *promotora do ócio criativo* e investe no capital cultural como fonte alternativa de afirmação do seu prestígio. Isto é, uma cidade pode ser hoje considerada um centro relevante à escala mundial, na medida em que possua ofertas de lazer e entretenimento. Assim o capital cultural emerge como fonte de riqueza, ombreando com o capital económico, financeiro e industrial.

Daí decorre um crescendo de investimentos nas áreas culturais e do lazer, da promoção e difusão de signos e símbolos, convidando a consumir experiências geradoras de prazer, o espectacular, o popular, o

agradável e imediatamente acessível (por exemplo, museus e parques temáticos, centros desportivos e recreativos, *shopping centers* etc.).

Regista-se portanto uma extensão da lista de actividades culturais e de lazer. E estas não apenas disponibilizam e alargam os estilos de vida como também provocam mudanças qualitativas neles. Cada vez é maior o número de pessoas que assumem uma postura mais activa, podendo dizer-se que se entregam a um processo de *estilização e estetização da vida* quotidiana e que este processo não se acantona em determinadas elites, mas ganha dia a dia maior popularidade.

Neste desenvolvimento adquirem particular notoriedade as actividades e experiências de cultura e lazer que se voltam para o corpo. O mesmo é dizer que estamos a viver uma *conjuntura corporal*; ou seja, o corpo está viver um regresso festivo e a retornar ao centro dos olhares, trazido porventura não por ele, mas *por causa da estética nesta nossa sociedade da imagem*. Ora esta serve-se daquilo que tem mais à mão e que de modo simples, directo e visível apresenta a nossa identidade.

Para tanto contribui a publicidade, visando uma *hiper-realidade* e determinando que o virtual seja mais real do que o real. Consagra-se o triunfo do mundo da representação através de imagens e simulações de ideias associadas a beleza e fantasia. Como diz Lipovetsky, é preciso ser mais moderno do que o moderno, mais jovem do que o jovem, estar mais na moda do que a própria moda. (4)

A cidade dos nossos dias é portanto um centro de consumo cultural, incluindo o desportivo, tanto quanto o é de consumo geral. Tudo nela é, pois, maior do que a vida. O estilo de vida nela vigente fala do outro

lado da vida, ou, se se preferir, configura o lado imaginário da vida. Uma vida que se revê na saúde, na beleza, na inovação, na juventude, na estética; isto é, que se entende como projecto de arte.

Nesta nova urbe ninguém é jovem, porque toda a gente o é ou procura ser pelos anos fora, através da encenação de estilos de vida. Isto é, as pessoas manifestam um interesse crescente pela estilização da sua vida, procurando idealizar a identidade e iludir a aparência, ou configurar uma aparência que aponte para outra essência. Os adultos não querem envelhecer; querem ser *juvenes vitalícios*. Por isso gastam tempo e esforços consideráveis com a elaboração de um senso estético flexível, susceptível de acompanhar a evolução dos novos estilos.

Em síntese, na cidade nova toda a gente procura ser alguém e transformar a sua vida em algo mais. Como que a dar razão à afirmação de Foucault: “O homem moderno é o homem que tenta constantemente inventar-se a si próprio”. E concordando plenamente com Carlos Drummond de Andrade: “O problema não é inventar; é ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa convincente edição”. (2)

É também por isso que se pratica e sempre praticará o desporto, quaisquer que sejam as formas de manifestação deste fenómeno específico da transcensão humana. E cada vez será mais praticado por pessoas de todas as idades e condições. Porque o desporto é um doce devaneio que o homem inventou para fazer mais feliz a vida em todo o tempo.

Quarto: A OMS considera a *obesidade* e a *inactividade física* como as duas grandes ameaças para a saúde pública no século XXI. (Com toda a razão e com dados alarmantes no tocante à situação portuguesa). De facto nós estamos já mergulhados numa fase de inactividade, ocasionada por mudanças paulatinas nos padrões e rotinas de funcionamento e actividade de uma sociedade que, pouco a pouco, delega o trabalho árduo e penoso em ferramentas evoluídas e coloca o acento tónico já não em indústrias, mas sim em serviços. A vida quotidiana surge cada vez mais ligada a tecnologias, pelo que o ser vivo está a derivar para uma espécie de máquina técnica.

Isto é, atingimos uma fase de progresso tecnológico que nos atirou definitivamente para a *afisicidade*, devido a formas de trabalho e de vida que deixam de lado a dimensão física, corporal e motora. A tal ponto que cerca de 80% da população mundial está já atingida pela inactividade física. E esta percentagem tende a aumentar em flecha, à medida que a maioria dos povos e países for deixando para trás as formas tradicionais de trabalho e de vida rural e agrária que ainda caracterizam a sua labuta de subsistência.

Nós estamos já numa *fase de transição e desmaterialização* que consiste em passar da consideração do corpo como elemento principal dos nossos actos e em substituí-lo pela mente. Este é um processo muito lento que começou, há algumas dezenas de milhar de anos, na Mesopotâmia (actual Iraque) com a invenção da escrita, da matemática, da astronomia, da roda, da moeda, do ensino etc. A partir de então foi aumentando pouco a pouco na actividade humana a dimensão mental e

intelectual, conhecendo esta um grande incentivo e incremento quando Gutenberg (1397-1468) aperfeiçoou o prelo e o material do impressor e melhorou a tipografia. Daí por diante o seu desenvolvimento foi deveras acelerado, até chegarmos à fase actual de quase completa *afisicidade*, a uma manifesta passagem de época: da actividade física para a mental (com esta a ser reservada para uma escassa minoria).

E isto não é uma hipótese, é realmente um dado bem concreto. De facto é hoje fácil constatar que o corpo não prevalece mais sobre a mente; antes pelo contrário emerge o perigo de começarmos a negligenciar em demasia a nossa dimensão física e corporal. Só nos lembramos dela quando a não aceitamos por qualquer motivo, quando se nos torna incomodativa e perturba a nossa vida e bem-estar. E então desatamos a procurar modificá-la e esculpi-la com outra forma. (1) e (3)

A isto soma-se a *alteração radical da cultura infantil*. Por um lado as brincadeiras espontâneas, à porta de casa, na rua e no caminho para a escola, desapareceram da paisagem urbana; por outro as crianças não prescindem de jogar, mas substituem os jogos motores, que têm o corpo como intermediário, por jogos em que este conta muito pouco ou é mesmo desconsiderado, como é o caso dos *video-games* e afins.

Esta evolução mostra que estamos a cair na inactividade corporal, na passividade, na *escassez de vivências directas* e na *pobreza simbólica*. Com isto é posta em causa a condição humana, acarretando mudança de identidade. Mesmo que não nos apercebamos disso, está na forja um outro corpo e com ele outra condição humana. Porquanto está a chegar

ao fim uma forma de vida que, durante muitos séculos, se constituiu com base no trabalho físico, duro e custoso. “*Comerás o pão ganho com o suor do teu rosto*”, eis o mandamento que nós aprendemos e praticámos. Foi assim que se ergueu um modelo de homem estruturado em torno de capacidades motoras, de qualidades volitivas e de categorias morais. Ora com a inactividade física regista-se um *afrouxamento no cultivo de atitudes, qualidades e competências* que, sendo centrais no desporto e no desempenho corporal, não o são menos na configuração do carácter que o contexto sócio-cultural, em que crescemos, nos ensinou a valorizar e respeitar.

Por conseguinte esta evolução apela ao desporto para assumir um papel de compensação e regeneração. E a isso ele corresponde, desdobrando-se cada vez mais numa pluralidade de formas e sentidos, consoante a panóplia de necessidades.

A reflexão poderia abordar ainda o papel do desporto como correctivo da *ética indolor* que se traduz em enfraquecimento dos vínculos a valores, princípios, obrigações e deveres, a tudo que peça esforço, sacrifício, disciplina, renúncia, suor, afínco e dor. As dificuldades, a *crise e o eclipse da ética*, tal como o *crepúsculo do dever* nos dias de hoje (tão bem retratados por Lipovetsky) são, ao cabo e ao resto, expressão da crise, da debilidade e do afrouxamento e eclipse da vontade. Da *akrasia*, que já merecia os reparos de Aristóteles e esteve presente nas intenções que levaram Coubertin a elaborar o projecto do desporto moderno. (4)

Também aqui o desporto assume uma relevante função, já que ele encarna uma pedagogia da vontade. Com efeitos os actos desportivo-corporais apenas são exercícios físicos na aparência; na sua essência são desafios volitivos e morais. À configuração exterior ósteo-muscular corresponde uma arquitectura interior da vontade.

Quinto: Paralelamente estamos a assistir no Ocidente a uma *conjuntura biófila*, a uma exaltação da vida no pensamento filosófico e na apologia de formas de a viver e enriquecer de felicidade. O que se traduz na promoção de estilos de vida activa. (1) É neste cenário que a prática desportiva reveste crescente importância social e humanista, como pilar central de estratégias voltadas para a saúde e a valorização da vida. Deste modo o desporto alarga-se a grupos tradicionalmente abstinentes; estende-se agora a todas as idades e grupos sociais e culturais e incorpora-se no projecto do *equilíbrio e harmonia de corpo e alma*, da *acção correcta*, da *vida humanamente boa e feliz* que tem movido a reflexão filosófica desde Platão e Aristóteles, passando por Espinosa, até aos nossos dias.

Sexto: Criação da forma humana

Recorro a Goethe (1749-1832) e à sua afirmação de que “*a coisa mais digna de que se ocupa o homem é a forma humana.*” É óbvio que ele não se estava a referir apenas ao aparato físico, à couraça óssea e muscular, à forma externa, embora também não excluísse nem desvalorizasse a subida importância desta dimensão. Por certo estava a pensar em tudo quanto nos perfaz por dentro e por fora, nos pensamentos, sentimentos,

actos e gestos, nos ideais e palavras, nas emoções e reacções. Estava a laborar no *Homo Performator*, no Homem-*Todo*, na pessoa de fora, na expressão da beleza e grandeza da pessoa de dentro. (2)

É este o trabalho primordial do homem e o da sua formação. E é também o seu destino. Nascemos para formarmos a nossa identidade. Para acrescentarmos formas sempre novas e superiores às originais e anteriores, para nos revestirmos de formas sempre mais adequadas e exigentes, a fim de conseguirmos uma harmoniosa relação de equilíbrio e reciprocidade com aquilo que nos rodeia.

A formação do Homem, à luz de bitolas humanistas, é a grande missão da Humanidade. É a ela que se consagra desde sempre a civilização, em todos os tempos e lugares, com as suas instituições e pelos mais diversos meios.

Ora isso coloca à sociedade democrática - que é *humanógena* por natureza, isto é, que tem como principal produção a de seres humanos livres e superiores - a obrigação indeclinável de criar os cidadãos em que repousa a sua legitimidade, em dotar cada cidadão potencial dos requisitos indispensáveis para que seja uma pessoa em plenitude e em todo o tempo. Em ensiná-los a inventar para si, durante toda a sua existência, uma vida sempre melhor. Em facultar-lhes o acesso a bens e competências que lhes permitam viver à altura da sua época, ser contemporâneos do tempo que lhes foi dado viver através do usufruto da tecnologia, do progresso e dos bens que o perfazem. Em formar neles a consciência do valor intrínseco da sua vida e do seu significado vital para a comunidade. Em incentivá-los a que sejam o melhor que

acreditamos ser possível ser, sabendo que o resultado será sempre insuficiente e que por isso não permite descanso ou desistência no esforço de continuar a mudar e a transformar o mundo, como se nele houvessem de viver eternamente. Em entusiasma-los a agarrar-se ao projecto de configuração da identidade, encarando esta como algo sempre dinâmico, com a inquietude do que parece e é longínquo, mas também com a esperança do quanto já foi percorrido e com o alvoroço de quem se levanta na alvorada e está sempre de partida para viajar até às estrelas. Em estimulá-los a cultivar, conservar e transmitir o amor e a fidelidade ao humano. Com alegria e optimismo. (2)

Para este destino pode e deve o desporto convergir por muitas vias. Ele constitui um *investimento no progresso comportamental do homem*. Simboliza e ensina que a gesta da vida se cumpre não com gestos grandiosos, mas com a paciência de treinar todos os dias, pois “se não realizarmos este treino diário – disse António Sérgio, 1929 – perdemos a forma, perdemos a pujança, ficamos incapazes de ganhar a prova”. (5)

Certamente ele torna evidentes as nossas fraquezas, insuficiências, mazelas e contradições, pondo a nu e convidando a cultivar o que em nós falta. Mas, por isso mesmo, é educativo e pedagógico por excelência. É uma construção simbólica que celebra necessidade e o anseio do homem em estar sempre a procurar uma forma nova e superior.

Quando olhamos e analisamos crítica e atentamente o desporto vemos bem que ele configura um teste da nossa forma e nos desafia a melhorá-la constantemente. A avaliar a elegância ou deselegância das nossas reacções, das nossas atitudes e comportamentos; o índice do

nosso apego ou desapego à observância de princípios e regras; o grau do nosso respeito ou atropelo dos direitos e da pessoa dos outros. E nem sempre ficamos contentes com a forma que ele nos revela.

O desporto mostra que estamos longe de exhibir uma forma consentânea com a ideia de dignidade que Kant nos atribuiu. Acorda-nos, por isso e de um modo porventura duro, para a realidade de que somos seres em formação, de que a vida que estamos a viver ainda dista muito daquela para que fomos feitos. De que somos seres provisórios e precários, que podemos estar já muito à frente do homem primitivo, mas ainda estamos muito longe da realização do projecto que nos anima. Como disse São João Evangelista, “aquilo que somos – aquilo que perfaz o ser e o destino do homem – ainda não aconteceu”. Ou, como reconheceu Konrad Lorenz: “Entre o homem das cavernas e o projecto humano há uns seres intermédios que somos precisamente nós.” (2)

Sim, aquilo que o desporto trata, constitui a sua razão de ser e escapa a muitos olhares liga-se à *forma humana*, ao aprimoramento corporal, gestual e comportamental do homem! É seu desígnio servir esse *projecto ético e estético*, que, desde o início e até ao fim dos tempos, move e há-de continuar a mover a civilização. Essa coisa - tão simples de ver e dizer na aparência, mas tão difícil de entender e concretizar na sua essência – a que chamamos *excelência* e é servida pela técnica. A *areté* dos gregos, que forja a acção correcta, a arte e felicidade de viver. (2)

Nesse empreendimento continua a pertencer um lugar central à técnica e à estética, ao correcto e ao perfeito, ao bom e ao belo, ao agradável e ao justo, ao ético e ao sublime. A civilização, assente primordialmente

no avanço e na conquista de dignidade e estética da vida que a técnica possibilita, não chegou ao fim. Com efeito Prometeu¹ está longe de ter quebrado todas as grilhetas que o amarram ao chão inferior e rasteiro e lhe tolhem a liberdade dos gestos e movimentos, das atitudes e sentimentos; carece de ser desacorrentado em muitas dimensões e pelos mais diversos meios e modos.

Claro que a *técnica não é um ideal*; mas é uma ferramenta ao serviço dos valores e da fabricação do humano. É ela um amparo que suporta a nossa vulnerabilidade e debilidade e amplia a nossa possibilidade de escolha e capacidade de acção, sendo por isso uma *instituição da autonomia e liberdade* e assim a nossa *forma de vida* e, logo, a empresa mais humana. Ao assegurar a eficácia e a economia de tempo e alimentar a permanente disponibilidade, ela precede e possibilita a criatividade e a inovação. A criatividade será uma espécie de estado de graça, de harmonia e perfeição, um sopro de inspiração que responde a uma ordem e voz que vêm de dentro; mas que só resulta quando a técnica se instala como uma segunda natureza. Sim, *difícil é a técnica; com ela o resto é fácil*.

A técnica é uma *condição acrescida e aumentativa*; não se fica pela eficácia, transporta para a leveza, a elegância e a simplicidade, para a admiração e o espanto, para o engenho e a expressão do encanto. Em qualquer domínio e circunstância da actividade humana. Sem ela não

¹ Prometeu, deus ou génio do fogo, filho do titã Jápeto, surge na mitologia clássica como o iniciador da primeira civilização humana. Formou o homem com o limo da terra e, para o animar, roubou o fogo do céu. Em castigo, foi, a mando de Júpiter, acorrentado no cimo do monte Cáucaso, onde um abutre lhe roía o fígado. Até que Hércules, criador dos Jogos Olímpicos, o livrou desse suplício. Do mito prometeico vivem a civilização, a técnica, o progresso e também o desporto.

se escrevem poemas, não se compõem melodias, não se executam obras de arte, não se fazem golos, não se conseguem cestos e pontos, não se pode ser bom em nenhum ofício e mister. A arte, a qualidade, o ritmo, a harmonia e a perfeição implicam tecnicidade. *Sem técnica não há estética de coisa alguma. E a ética fica deficitária e manca.*

Enfim, sem técnica não logramos ser verdadeiramente humanos. Nem no corpo, nem na alma. Sem técnica, os nossos gestos, actos, atitudes e condutas são prisioneiras da baixeza, da rudeza e grosseria dos instintos, da inabilidade e fealdade. Sem ela bem pouco ou mesmo nada poderíamos inventar e escolher com o nosso corpo irrecusável, sujeito como ele é ao destino inexorável de tempo e morte.²

Bendita seja portanto a técnica e bem haja o desporto que a ensina, exige e enaltece! Bem haja o desporto pelas próteses que encerra, indo ao encontro de tantas deficiências que nos possuem! É muito grande a conta que nos cumpre pagar-lhe, nomeadamente a de o ensinar e praticar com a melhor tecnicidade possível, para que atinjam a máxima expressão os valores nele imersos.

Sétimo: Lugar pedagógico e laboratório de humanidade

O desporto pode e deve ser o *antídoto da grande ilusão dos nossos dias*, de que tudo se pode alcançar sem empenhamento, custo e mérito pessoais. Ele fala-nos de causas e ideais, de normas e regras, de exigências e desafios, de sacrifício e disciplina, ou seja, de valores

² De falta de tecnicidade carece o homem português. A maioria dos portugueses tem apenas o corpo do trabalho, sendo carente da expressividade e gestualidade de outros corpos, tais como o corpo da dança, o corpo desportivo etc. Ser humano implica também congregar vários corpos num só corpo.

decadentes. E consegue que estas palavras encontrem correspondência nos actos: de talento, classe e inspiração, certamente; mas, acima de tudo, de esforço e transpiração.

O desporto *reforça a nossa auto-estima*, por fazer luz sobre os nossos pontos fortes e os fracos, os sucessos e os inêxitos, sem jamais nos negarmos. Até porque mostra que ninguém é só bondade, virtude e luminosidade. Há sempre certos lugares de sombra, que convidam a arar a jactância e a presunção com a charrua da humildade.

Este desporto existe, por ser necessidade do homem e da sua aspiração a uma mais perfeita condição humana. O seu lugar é central na vida e na vontade de viver. Não pode o homem prescindir dele, já que não consegue sobreviver fora da sua destinação ética. Está aí, porque a escola e a família não chegam para fazer o Homem. Precisa portanto de chegar a todos os locais e a todas as pessoas. Para renovar a educação e encher de alegria os dias e noites da nossa vida, em todas as idades.

Também é dele que se fazem os homens e a cidadania. Nele lugar para todos. Voltado para o cultivo da beleza interior e exterior, é feito por mãos ávidas de sublimar a força em graça e encanto. Por pernas apostadas em transpor os limites impostos à nossa natureza. Por homens e mulheres movidos pela ânsia de anulação do impossível, da sorte, do acaso e do destino, pela procura da compensação, da transcendência e da superação. *Não é tanto um acto de expressão do que em nós abunda e sobeja. É sobretudo um acto de criação daquilo que em nós falta.* E nisso encena e concretiza, como em nenhum outro palco de representação da vida, o sentido genuíno da cultura. (2)

O desporto é um *lugar de descoberta e revelação* e um *caleidoscópio da diversidade*. Nele descobrimos a nossa infinita dependência e que dentro de nós moram possibilidades inesgotáveis de sermos mais e melhores e que as coisas grandes são as pequenas e simples. E descobrimos também os outros e as diferenças que nos marcam e formam a individualidade de cada um. E nisso somos todos iguais.

No desporto todos têm lugar. Nós e os outros. O reconhecimento e o respeito pelas diferenças. A vivência e a aceitação da vitória e da derrota, do sucesso e do insucesso, da superioridade e da inferioridade, do mérito e da falta que este nos faz. Nele cultivam-se mais deveres e obrigações do que direitos e permissões. Ouvimos falar de ética e moral e aprendemos o seu significado e alcance. Aprendemos que a *ética é a sedução das alturas da dificuldade e o acúmulo da dignidade suada*.

O desporto ajuda-nos a compreender que *a realidade verdadeira, absoluta e eterna está fora e acima de nós*. Porquanto nos faz entender que os nossos horizontes e limites se devem situar para além daquilo que conseguimos alcançar. E a isso chamamos aprimoramento e transcendência. E chamamos bem e belo ao caminho que para lá nos conduz. Ora, como se sabe, as palavras não chegam para delinear e cumprir este desígnio; são necessárias acções para lá chegar.

Nesta conformidade ele é um *observatório pedagógico* por excelência. Com o reportório das suas próteses compensa as nossas insuficiências e deficiências e aumenta o grau da nossa liberdade e autonomia. E assim é um *laboratório de humanidade* e de recriação da esperança, que o mesmo é dizer, da decisão de triunfamos em todas as circunstâncias

da vida. Ele é ainda uma oportunidade de nos desocultarmos, para nos conhecermos e revelarmos uns aos outros em toda a autenticidade. E assim celebrarmos uma *liturgia do relacionamento*. Até porque *ninguém sobe nele sozinho*, mas apenas de mãos dadas, em atitudes de cumplicidade e gestos comungantes.

Ao tornar evidentes as nossas imperfeições ele mostra o quanto nos falta andar e alcançar, recusando, porém, modelos idealistas e noções apriorísticas da perfeição humana que muito pouco ou nada têm a ver com a natureza do homem. O desporto lembra-nos e aviva-nos o mandamento de persistirmos na humanização da vida e da Terra, de maneira modesta e realista. Sem metas e ilusões desmedidas, mas esgotando o campo do possível por entre os apertos que amarram a condição humana à natureza do homem.

Em suma, seja por razões de competitividade e afirmação do país, de prevenção da doença e fomento da saúde, seja por razões de estética corporal, de regeneração, compensação e inclusão, seja por razões de formação e cultura, de bem-estar e exaltação da existência, seja até por razões de fruição e consumo de espectáculos, a prática desportiva é hoje, nas sociedades evoluídas e cultas, constituinte irrecusável da vida dos cidadãos de todas as idades e estados de saúde e rendimento.

3. Linhas de acção

A vida desportiva dos cidadãos não é coisa de menor importância no elenco de preocupações da política. Não é um adorno, antes é essencial

à trama da existência. Não quer ser mais, mas também não é menos do que os outros domínios da actividade social e cultural. O desporto tem *carácter de omnipresença*, pelo que toca em muitas vertentes da vida individual e colectiva, como sejam educação, saúde, prevenção, estilos de vida, urbanismo, turismo, internacionalização, ecologia, cultura etc. Mais, ele congrega valores de ordem educativa, biológica, psicológica, social, cultural e filosófica, podendo ser mobilizado para muitas frentes. Nesta conformidade desaguam algumas linhas de acção.

Em primeiro lugar o desporto não pode ficar à margem do actual contexto de competitividade. O panorama desportivo faz parte do capital de afirmação dos países, regiões e cidades. Logo Portugal tem que desenvolver *projectos desportivos que, pela sua qualidade, excelência e inovação, possam ombrear com a vanguarda internacional e servir até de referência e inspiração para outros países*. Pede-se uma mais valia científica, cultural e humanista. Numa época marcada pela ciência, cultura e tecnologia, o desporto e os seus projectos não podem ficar presos aos vícios do passado.

Em segundo lugar o desporto deve contribuir para que a marca Portugal tenha cotação elevada no cenário internacional. As instituições desportivas e os atletas são *agentes de internacionalização*, promovem Portugal no Mundo. (No ranking do IDH da ONU Portugal figura na 27.^a posição, no ranking da FIFA em 10.º lugar). Por certo alguns autarcas e políticos, que não se dão bem com o desporto, são ignorados no estrangeiro; mas são bem conhecidos vários dos nossos desportistas, cientistas, artistas etc.

As autoridades devem, pois, ter a lucidez de manter uma *relação de estima, empatia, compreensão e respeito com as instituições desportivas*. Não se trata de promiscuidade. É a política, é a vida do País que está em causa. O País é feito – e muito - de instituições. Sem elas não há Pátria. As vitórias desportivas, tal como outras, atestam a capacidade realizadora e empreendedora de Portugal.

Em terceiro lugar urge fazer algo de substancial para que os *índices de prática desportiva* da população atinjam um valor aceitável, o que não é actualmente o caso. Não compete às entidades oficiais assumir a responsabilidade que incumbe a cada cidadão. Mas podem e devem patrocinar *programas com alto significado estratégico*, susceptíveis de irradiarem influências em várias direcções. Assim deverão discriminar positivamente, através de contrato-programa, instituições assumam de modo exemplar a prática desportiva de crianças e idosos.

Em quarto lugar é curial repensar o fomento e organização daquilo que é vulgarmente designado por *desporto escolar* e eu chamaria desporto de crianças e jovens. Trata-se de aprimorar e alargar a oferta e o modelo competitivo e envolver mais participantes. Também aqui é preciso implementar critérios de seriedade e excelência, visando que escolas e clubes se aproximem e partilhem responsabilidades e objectivos. A constituição de uma *base de dados com talentos motores e desportivos* deve levar à criação de uma rede de centros de investigação que junte as Universidades, o COP e o IDP.

Em quinto lugar compete às autarquias preocupar-se com o *grau de modernidade do panorama desportivo* das cidades e vilas, face à

evolução da cultura desportiva mundial. Quanta gente pratica desporto e em que modalidades? Qual a qualidade alcançada? Que cenários desportivos há nas cidades? Que oportunidades é que estas oferecem? Estamos a evoluir ou a ficar para trás? Como se constrói o futuro do desporto nas nossas cidades? A resposta a estas questões deve ser equacionada no contexto das Áreas Metropolitanas.

Enfim a *vida desportiva dos cidadãos* insere-se na *grande questão do tempo livre*. Como o preenchem as pessoas das nossas cidades, vilas e aldeias? Eis um tema em ascensão na política central e autárquica, porquanto o tempo livre e a qualidade do seu usufruto determinam cada vez mais o nível da cidadania.

Não dar ao desporto a devida importância é agir como se não fôssemos circunstantes, vivêssemos fora do nosso tempo e ignorássemos a função que lhe pertence na modelação e feitura do mundo, da civilização e das pessoas.

4. Conclusão

A história ensina-nos que, no passado, a prática do exercício físico esteve integrada em movimentos de libertação nacional. Trata-se agora da *libertação pessoal*. No desporto andamos à procura do ponto de equilíbrio e união entre as várias linhas morais, entre epicurismo e estoicismo, entre a ética da virtude e a ética da felicidade, entre a ética do dever e a ética da utilidade. Nele continuaremos a aprender que *o humano é limitado no plano físico, mas é ilimitado no plano ético, estético,*

espiritual e racional. Ilimitado é o divino. A humanização consiste na aproximação a este e o desporto veio com esse fim.

Todos quantos entendem verdadeiramente o desporto vêem-no como um *edifício idealizado pela necessidade de beleza*, pelo desafio de superar a violência e a brutalidade, a grosseria e a fealdade na imagem que o homem dá de si. É para encher de beleza a nossa vida, os nossos dias e as nossas condutas que ele existe. É em nome dessa finalidade civilizacional que a sua prática se justifica. Porque os homens e o mundo têm fome de justiça, solidariedade, verticalidade e honradez, mas têm igualmente – como diz o escritor Júlio Cortázar – tanta ou maior *fome de sensibilidade e beleza*. De beleza nas palavras e reacções, nos gestos e sentimentos, nos formalismos e cumprimentos, nos actos de olhar, sorrir e repartir. Da beleza de coexistir no nível máximo de autenticidade, verdade e humanidade. E isto requer trabalho aturado e vigilância e controle ininterruptos.

Julgo portanto que o desporto concretiza uma *versão pedagógica e cultural do sentido da vida*. Ele inscreve-se no esforço de lavrar um destino e uma *resposta para a pergunta do Homem*: é a criação a partir da falta, a necessidade feita liberdade, a gravidade feita asas, o peso feito voo, a lonjura feita proximidade, o obstáculo feito impulso, o perigo feito tentação, a dificuldade feita gosto, o receio feito aventura, o cenário colectivo feito palco individual. A dizer ao homem que ainda é uma criança com direito de crescer, avançar e progredir no tempo.

Em suma, com o desporto continuaremos apostados em investir no progresso comportamental do homem. Continuaremos, seguindo o conselho de Savater, a levantar “o apreço por dons universalmente valiosos (habilidade, força, velocidade, elegância, jogo limpo...)”, a afastar-nos do gorduroso ‘odor ao estábulo’ de que falou Nietzsche. “E a celebrar como própria a excelência onde quer que ela ocorra e seja quem for aquele que a demonstre”. (6)

Senhores congressistas:

Segundo Goethe, a arquitectura é música solidificada. Semelhante é o desporto. Harmonia e ritmo de formas, gestos, movimentos, actos, excessos e cometimentos. Desporto é vida! Vida preenchida e vivida com elevação, com lhaneza e hombridade. Com a beleza que tanta falta nos faz! Pratiquem esta ideia e exijam que ela seja também praticada por todos quantos dirigem o desporto e se movem em torno dele. Será pedir-lhes demais um contributo para tornar o mundo mais belo e doce, para contornar a amargura e a rudeza da animalidade e da vida e para dar voz, forma e encanto à nossa humanidade?

Referências bibliográficas

1. ARENDT, Hannah (2001): *A CONDIÇÃO HUMANA*. Relógio D'Água Editores, Lisboa.
2. BENTO, Jorge Olímpio (2004): *DESPORTO DISCURSO E SUBSTÂNCIA*. Editora Campo das Letras, Porto.
3. DE MASI, Domenico (2000): *O Ócio Criativo*. GMT Editores Ltda., Rio de Janeiro.

4. LIPOVETSKY, Gilles (1994): *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
5. NÓVOA, António (2005): *EVIDENTEMENTE. Histórias da Educação*. ASA Editores, SA, Porto.
6. SAVATER, Fernando (2000): *O MEU DICIONÁRIO FILOSÓFICO*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
7. SAVATER, Fernando (2005): *OS DEZ MANDAMENTOS PARA O SÉCULO XXI*. Ediouro Publicações Ltda., Rio de Janeiro.